20/11/ 2009, 15h 25m, Escola Básica 2,3/S Bela Vista, Sala EM1

Alunos: Ana (Repetente – 6º A) / Etiandro (Repetente - 6º C) / Carlos S. (7º C)

(A1, A2, A3)

(Duração – 39m 38s)

Olá Amigos, boa tarde!

Todos – Olá!

Estou aqui com o Etiandro, a Ana e o Carlos. Porque é que pensam que estamos aqui?

Carlos - Porque o ano passado fizemos muitas coisas com a nossa professora, fizemos percussão e muitas outras coisas.

E muitas outras coisas… A Ana quer ajudar? Outras coisas? O que é que gostaste mais de fazer o ano passado? na disciplina de Educação Musical, claro. A Ana não quer falar… e o Etiandro, lembra-se de alguma coisa que tenha gostado? Ou não gostou de nada?

Etiandro – Gostei da percussão.

Só?

Etiandro – E do resto das coisas…

E o que é o resto das coisas?

Etiandro – Tocar flauta e ir tocar fora também.

Ir tocar fora, sair do espaço escola para ir fazer apresentações musicais, é isso que me estás a dizer?

Etiandro – Sim.

Ana, já te lembras de mais alguma coisa que me queiras dizer ou nem por isso?

Ana – As mesmas coisas que o Etiandro disse.

E o que é que ele disse?

Ana – Gostei de tocar flauta, fazer actividades fora da escola.

Ok. Então digam-me lá, consideravam a aula de Educação Musical um espaço onde se sentiam bem?

Todos – Sim.

E porquê?

Ana – Descontraiamos.

Carlos – Porque nós podíamos confiar na professora, a professora fazia muitas coisas divertidas na aula…

Punha uma bolinha de palhaço? (risos) não é bem isso pois não? Então o que é que eu fazia de divertido na aula? ou o que é que vocês faziam de divertido na aula?

Ana – Não.

Carlos – Coisas: tocar flautas, xilofones e outros instrumentos da aula.

A Ana estava toda lançada a querer falar, mas entretanto parou!.. E então Ana? Eu perguntei se vocês se sentiam bem na aula? Porquê?

Ana – Era uma aula descontraída, podíamos desabafar com a professora…

Mas não era um consultório sentimental?!

Ana – Não.

Desabafar a que nível?

Ana – Sobre as coisas da aula.

Portanto, não tinham medo de perguntar quando alguma coisa estava mal ou quando não percebiam. É isso que me estás a querer dizer? É? Então não tenhas medo de falar. E o Etiandro o que é que me diz? Quando eu perguntei se se sentiam bem na aula de Educação Musical, ouvi assim em coro um sim, então eu queria saber porquê? Etiandro, ainda não te ouvi falar.

Etiandro – Porque fazemos muitas coisas engraçadas, a Stora ensinava, a gente todos a tocar.

Fazíamos coisa engraçadas, mas depois lá estou eu a dizer: mas não púnhamos bolinha de palhaço? Pronto, a professora ensinava a gente a tocar e era isso que faziam com que o espaço da aula, fosse um espaço onde vocês se sentiam bem? Pela descontracção inerente ao espaço, é isso?

Todos – Sim.

Eu perguntei o que é que vocês gostavam mais de fazer… a primeira coisa que eu ouvi foi, o Grupo de Percussão. Não é? O trabalho de percussão, apesar de ter ouvido também aqui: tocar flauta, tocar xilofones, tocar outros instrumentos da aula. Mas agora pensando e direccionando só para o Projecto da Percussão com objectos sonoros e não para os xilofones. O que é que mais vos agradou nesse Projecto de Percussão com objectos sonoros?

Carlos – Foi ir ao Parque do Bonfim.

Foi ir ao Parque do Bonfim.
Ana o que é que mais agradou no projecto de percussão?

Ana – Agradou-me tudo.

Tudo? E o que é tudo? Porque antes de irmos ao Jardim do Bonfim fizemos a preparação, não é? Então o que é que mais vos agradou nessa preparação, eram os ensaios em sala de aula e é isso que estás a dizer que te agradou quando dizes tudo?

Ana – Sim.

Os ensaios na sala de aula. Etiandro?

Etiandro – A mim também foi os ensaios dentro da sala e quando tocámos aqui na escola, no último dia.

Também gostaste de tocar aqui na escola não é? hum, hum…

Etiandro - e no Parque.

Qual Parque?

Etiandro – O da Bela Vista.

Gostaste mais do Parque da Bela Vista?

Etiandro – Sim.

Então e o que menos vos agradou no meio deste projecto? O que vocês não gostaram mesmo nada? Ou que gostaram menos?

Etiandro – Eu gostei de tudo.

Não houve nada que não te agradasse Etiandro? Gostaste de tudo?

Etiandro – Sim

Sempre que trabalhávamos com os objectos sonoros… e tu Ana o que memos agradou? Um ponto fraco do trabalho?

Ana – Discussões com os colegas.

Discussões com os colegas? E onde é que essas discussões aconteciam?

Ana – Na distribuição dos materiais.

Fala-me mais disso. Na distribuição dos materiais, é? Mas o que é que isso quer dizer concretamente?

Ana – Eu não gostava das discussões Stora.

Mas quais eram as discussões? Lembras-te de alguma? Estás a abanar a cabeça, abanar a cabeça, não se ouve aqui. (risos) Lembras-te de alguma discussão que tenha havido por causa dos materiais?

Ana – Lembro.

Diz.

Ana – Era eu a distribuir as coisas no palco mas… pronto, e foi outra pessoa no meu lugar.

Ah, então tem a ver com a organização do espaço exterior, é isso que me estás a dizer? Então, no espaço exterior, mais concretamente onde? Em que apresentação?

Ana – Foi lá em baixo.

Foi lá em baixo no Bonfim?

Ana – Sim.

Então, eras tu que tinhas ficado responsável para distribuir o material e?

Ana – Outra pessoa foi distribuir por mim.

Passou-te à frente. E o que é que tu fizeste nessa altura?

Ana – Dei-lhe uma chapada (muito baixinho).

O quê? o quê? o quê?

Ana – Dei-lhe uma chapada.

Deste-lhe uma chapada! Ah, mas eu essa parte não vi! (e ainda bem que eu não vi, não é!) Deste uma chapada a quem?

Ana – Ao Miguel.

Ai foi ao Miguel, foi distribuir os instrumentos por ti, olha eu isso…

Ana – Fui eu e a Ivânia.

Isso estou eu a saber hoje, estão a ver as coisas… (podem se rir à vontade, estão aí a…) pois, eu essa parte não sabia de todo. Então quer dizer que afinal, eu que pensava que a apresentação do Bonfim tinha corrido muito bem, que vocês estavam muito bem organizados, mas houve ali coisas que eu não vi, é? Hum, hum! O ponto fraco de todo este trabalho de percussão foi no momento da actuação, ou melhor na preparação do palco lá no Parque do Bonfim em que foi um colega distribuir as coisas por ti?

Ana – Foi.

E tu reagiste à chapada.

Ana – foi.

Pois. E tu Carlos, lembras-te de algum momento menos bom?

Carlos – Era quando os colegas estavam distraídos, não acompanhavam o ritmo e alguns dos colegas paravam para discutir.

Hum… as coisas que me estão a dizer… e isso acontecia onde, Carlos?

Carlos – Dentro da sala de aula.

Dentro da sala de aula.

Carlos – No coiso de preparação.

Ana – nos ensaios.

Nos ensaios de preparação?

Carlos – Sim.

E como é que vocês reagiam a isso?

Ana – Mal.

E como é mal? Vamos lá descrever a situação que o Carlos está a dizer. Ele estava a dizer: Quando os colegas começavam a discutir…

Carlos – Sim, paravam para discutir com o outro colega.

E como é que vocês reagiam?

Etiandro – Eu reagia bem.

Carlos – Eu continuava a fazer o meu trabalho e coiso… ficava a ver os colegas a discutir. Mas às vezes tentava fazer sinal que era para eles pararem.

E como é que eram esses sinais feitos?

Carlos – Com a mão.

E resultava?

Carlos – Não, eles não ligavam.

E continuavam a discutir?

Carlos – Continuavam a discutir.

Então como é que nós conseguimos ensaiar tão bem?

Carlos – foi quando eles se começaram a concentrar cada vez mais. Começaram a entrar no ritmo.

Muito bem, então quer dizer que conseguimos gerir o trabalho de forma a que todos percebessem que tínhamos que estar atentos, é isso?

Todos – Sim.

E esse momento aconteceu?

Todos – Aconteceu.

Até que ponto vocês acham que esta actividade estimulou as aprendizagens em Educação Musical? Ou seja, depois de fazerem esta actividade, vocês acham que estiveram mais despertos, mais atentos nas aulas de Educação Musical?

Todos – Sim

E porquê?

Carlos – Porque gostamos mais da actividade da percussão e cada vez mais queríamos aprender.

Queriam aprender cada vez mais, é isso? Ana, queres acrescentar alguma coisa?

Etiandro – a gente antes de tocar, já ficávamos ansiosos para ir para a sala, para ir fazer percussão.

Ah… muito me dizem.

Carlos – Nas aulas passadas, antes de começar a aula de percussão ficávamos só a falar, que é para ninguém chegar atrasado, para chegarmos tudo a horas, para começarmos mais cedo.

E isso acontecia?

Ana/ Carlos – Acontecia. **Etiandro** – às vezes.

Às vezes? Havia sempre um ou outro que não respeitava? É isso que me estás a querer dizer Etiandro?

Etiandro – Sim.

Mas conseguíamos?

Etiandro – sim.

Conseguimos o quê?

Etiandro - Continuar o nosso trabalho.

E mostrá-lo fora também, não é? Sim senhor. Então digam-me lá outra coisa, vocês consideram que ouve evolução no que diz respeito à prática artística? Vocês consideram que iam tendo cada vez mais facilidade em trabalhar com os objectos sonoros?

Todos – Sim.

E sentiram essa evolução?

Todos – Sim.

Como é que sentiste essa evolução, Ana?

Ana – Cada vez fui prestando mais atenção, eu decorava os … de cor.

Já decoravas o quê? Desculpa?

Ana – Os toques.

E tu Carlos, o que é que achas?

Carlos – Que já tinha tudo de cor, já tinha tudo na cabeça e até tocar sem olhar.

Sem olhar para onde?

Carlos – Olhar para outro lado e tentar tocar, podia estar distraído mas estava a tocar na mesma, já sabia o ritmo de cor.

E tu Etiandro?

Etiandro – A mesma coisa.

(ele ri-se) Sentiste que foste evoluindo musicalmente.

Etiandro – Sim

Então e vocês tinham a preocupação com o facto de ficar bonito?

Todos – sim.

Ficar bonito em termos sonoros, musicais, tinham essa preocupação? (abanaram as cabeças dizendo que sim) Mas essa preocupação foi logo no início?

Etiandro – Não.

No início o que é que interessava?

(risos) **Etiandro** – Era bater com mais força.

(risos) **Carlos** – Era bater com mais força, para sair mais o som, para as pessoas ouvirem melhor. Mas depois a professora disse que bater com mais força não saia, porque ficava pior e cada vez que batêssemos mais devagar saia melhor.

Ficava mais bonito, é isso?

Carlos – Sim.

Conseguimos então que, esteticamente a música ficasse bonita, é isso que me estão a dizer?

Todos – Sim.

Muito bem. Agora a minha pergunta é esta: Fizeram várias actuações onde se expuseram ao público. Conseguem-se lembrar de todas elas?

Todos – Sim.

Vou pedir a um de cada vez para nomear uma. Carlos?

Carlos – Parque do Bonfim.

Ele gostou mesmo foi do Parque do Bonfim, já percebi.

Ana – O Parque da Bela Vista.

Etiandro – Aqui na escola.

Foram essas as três apresentações que fizemos?

Todos – Sim

E qual foi aquela que vocês mais gostaram? O Carlos, já percebi! (risos) Ana?

Ana - O Parque da Bela Vista.

Então e porquê?

Ana – Porque já estava com mais confiança…

Isso tem a ver com o facto de já terem feito no Parque do Bonfim?

Ana – Sim.

E já te sentiste mais à vontade em público?

Ana – Sim.

E tu Etiandro?

Etiandro – No Parque da Bela Vista.

Também? Porquê?

Etiandro – Já ficava mais à vontade.

Tem a ver com aquela confiança que nós estávamos a falar aqui?

Etiandro – Já tinha mais confiança.

E o Carlos já percebi que foi no Parque da Bela Vista, porquê?

Carlos – Porque a primeira vez que tocamos foi no Parque do Bonfim e estávamos muito nervosos, e depois a Stora disse que tocamos muito bem e aí a confiança subiu mais e aí queríamos tocar mais.

Eu acho que fiz mal a pergunta. Eu disse que gostaste mais do Parque da Bela Vista, mas tu tinhas-me dito que gostaste mais do Parque do Bonfim. Teve a ver com o quê?

Carlos – era do coiso, toda a gente tava com medo que ia sair mal, mas quando a Stora disse que tocou bem, toda a gente aplaudiu ficaram mais alegres.

Muito bem. E, não tem nada a ver com o facto de ter sido a um domingo e de termos ido de autocarro (bem vocês dois foram de bicicleta e foram lá ter connosco, isso tem a ver com outras coisas que agora… já falamos disso lá mais para a frente). Mas não terá a ver com o facto de ter sido num domingo, que não tínhamos escola, estávamos libertos só para aquela actividade? Carlos?

Carlos – Também.

Soube bem ter aquele contacto com a música fora do espaço escolar e fora do horário escolar?

Todos – Sim

Então digam-me vocês: a Ana, mais aqui para a Ana, porque foi ela que foi no autocarro connosco, não foi Ana?

Ana – Foi.

Como é que foi ir no autocarro?

Ana – Estávamos todos nervosos… estava uma grande confusão, mas depois começamos a ter todos calma... Correu bem.

Correu bem? Foi divertido ir no autocarro?

Ana – Foi.

Vocês falavam de coisas, de outras coisas ou sobre a percussão?

Ana – Só percussão.

Só percussão? Na viagem daqui até lá abaixo ao Parque do Bonfim?

Ana – Foi.

E qual era a vossa conversa? O tema da conversa já percebemos que era a percussão, mas o que é que falavam?

Ana – Há uns que tinham medo que as coisas corressem mal, outros estavam mais confiantes.

Então a conversa andava aí à volta disso. Lembras-te de alguma frase que tenham dito lá?

Ana – Não.

ou que tenhas tu dito? (acenou a cabeça dizendo que não) Não.

Então e digam-me lá em relação ao público. Ao público que vos assistiu no Parque do Bonfim, ao público que vos assistiu no Parque da Bela Vista e ao público que vos assistiu aqui na escola? Vocês sentiram diferença nos públicos?

Etuandro – Não.

Não Etiandro. Para ti foi igual estares a actuar em cada um destes sítios, sim?... Não sentiste que o público tivesse alguma influência na tua prestação enquanto músico?

Etiandro – Não.

E tu Carlos?

Carlos – Só senti isso foi no Bonfim e no Parque da Bela Vista. Na Escola estavam interessados noutras coisas como na dança.

Inclusivamente tu, que também estiveste a dançar (e dançaram muito bem, sim senhor). Mas em termos de público vocês não sentiram diferença nos públicos?

Todos – Não.

E sentiram que o público vos estava a prestar a atenção que vocês mereciam?

Carlos – Eu senti.

Ana – Mais ou menos.

O que é que tu esperavas mais do público que o público não deu? Ana, para dizeres mais ou menos.

Ana – Mais atenção. Não estavam com muita atenção aqui na Escola.

Aqui na escola. Então os públicos são diferentes?

Ana – Sim.

E tu Etiandro?

Etiandro – O mesmo que a Ana disse.

É? E não queres dizer tu? (acenou a cabeça dizendo que não) Está bem.

Quando souberam que, (e aqui vou perguntar da seguinte forma, vou fazer à Ana primeiro esta pergunta e depois ao Carlos e ao Etiandro, e vocês já vão perceber porquê). Ana, quando soubeste que três dos colegas não poderiam estar presentes nas apresentações públicas, por estarem a cumprir medidas disciplinares, portanto tiveram uns dias de suspensão, o que é que pensaste?

Ana – Não achei justo.

Porque?

Ana – Estavam todos presentes menos os colegas que estavam a fazer medidas correctivas

Não achaste justo que fosse a turma e não fossem os que estavam a cumprir medidas disciplinares, é isso?

Ana – É

E então? O que é que pensaste nesse momento? Primeiro foi um sentimento de injustiça e depois?

Ana – Achei que a turma devia estar toda reunida, mas não! faltavam só os colegas.

E os amigos? Que por sinal estiveram envolvidos nessas medidas correctivas, não é? (são águas que já lá vão, porque agora já se portam todos muito bem - risos). O que é que vocês pensaram quando ouviram pela primeira vez, pela vossa Directora de Turma, que tinham que cumprir as tais medidas disciplinares, que eram dez dias de suspensão, não foi isso? (acenaram a cabeça afirmativamente) E que esses dez dias iam coincidir com as apresentações públicas?

Carlos – Pensávamos que coiso, que já não íamos tocar junto da turma, mas queríamos lá ir ver na mesma, se não fossemos tocar.

Etiandro – Para ir lá dar apoio à turma.

E mais?

Carlos – Também pensámos que todo o trabalho que tínhamos feito, todo o esforço… que depois não íamos tocar. Já estávamos a ficar tristes, mas depois a Stora disse que não ia sair com a turma se não fossem os que estavam a cumprir medidas correctivas.

Um por todos e todos por um. Não é?

Carlos – Sim.

E então lá conseguimos resolver a situação. Mas de alguma forma este momento deu para vocês pensarem nas vossas atitudes e comportamentos?

Carlos e Etiandro – Sim.

Mas já estávamos no final do ano lectivo e isso transfere-se agora para este ano ou nem por isso?

Carlos e Etiandro – Não.

Não? Vocês agora não pensam nas vossas atitudes? (risos)

Carlos – Às vezes.

Às vezes! Mas não há participações disciplinares ainda da vossa parte, pois não? (Acenaram a cabeça dizendo que não) Isso já é um bom princípio. Se calhar esta situação "abanou-vos" um bocadinho, não?

Carlos e Etiandro – Sim.

"Abanou", pois é. Então agora digam-me lá uma coisa, sei que quando estão em palco e até mesmo nos ensaios, vocês têm atitudes e comportamentos adequados e sei também que nas aulas de Educação Musical, eu nunca vos chamei à atenção, assim mais rispidamente devido a comportamentos impróprios. Portanto vocês sabem estar?

Carlos – Sabemos.

Então porque é que consideravam isso importante? Porque é que era importante para vocês estarem com uma postura adequada nas aulas de Educação Musical, nos ensaios, nas apresentações públicas e consideravam menos importante, quando estavam no exterior ou em outras aulas?

Etiandro – Que era para a Stora não chamar à atenção, que era para a gente não perder muito tempo da aula.

Então e nas outras aulas, não fazia mal perder tempo?

Etiandro – Fazia.

E então?

Carlos – Podíamos perder a matéria.

Vocês pensavam nisso?

Carlos – Pensávamos, às vezes. Havia uns que não pensavam porque só queríamos brincar.

A vossa atitude na sala de Educação Musical era diferente das outras salas ou mesmo no espaço exterior?

(Todos acenaram a cabeça afirmativamente) **Carlos** – Era.

A sério? Sentem mesmo isso com tão forte convicção?

Carlos – Porque nas outras aulas, havia rapazes que ficavam distraídos, mas na aula de música ficava tudo atento, só queriam aprender, aprender.

E porquê? Porque é que vocês acham que era tão importante assim?

Carlos – As aulas de música eram divertidas, diferentes das outras. Podiam fazer coisas numas aulas que não faziam nas outras e queriam aproveitar aquele tempo.

Será que tinha a ver, pelo facto de terem o peso da apresentação pública? Para não darem "barraca" entre aspas? (risos)

Carlos – Também.

Então agora digam-me lá: em relação à disposição da sala de aula. O que é que vocês sentiam (portanto, nas aulas normais, vocês tinham as cadeiras, as mesas e aquilo não saia dali para lado nenhum. Vocês chegavam à sala de aula normal, sentavam-se no seu lugar, no vosso lugar) e o que é que vocês pensavam quando iam para a sala de Educação Musical e sabiam que, de acordo com o reportório que íamos trabalhar nesses ensaios ou nesses momentos de aula, tínhamos que andar sempre a organizar a sala de forma diferente, a virar mesas, a arrumar cadeiras, a pôr instrumentos, a tirar instrumentos, a pôr objectos sonoros… o que é que para vocês era este momento? Consideravam isto uma seca… como? O que é que vocês acham de termos que andar sempre a adaptar constantemente a sala de aula de acordo com as peças que interpretavam?

(silêncio)

Não se lembram disso? Não se lembram de tirar mesas e cadeiras?

Carlos – Lembro que era para poder sentar, para poder ter espaço para tocar.

Etiandro – Para meter os outros instrumentos.

E então? Não era eu que fazia, pois não?

Todos – não.

E então? Achavam isso injusto?

Todos – Não.

Então?

Carlos – Porque nós tínhamos que adaptar ao espaço, mais ou menos à forma como nós íamos estar sentados, outros de pé.

Etiandro – Todos queriam ajudar para a gente fazer logo a percussão rápido. (risos), ficar com mais tempo.

Então quer dizer que toda a gente se entreajudava? É isso? E vocês tinham rixas dentro da sala de aula a esse respeito? Ou as coisas funcionavam bem?

Etiandro – As coisas funcionavam bem.

Conseguiam organizar-se e ser autónomos na organização?

Todos – Sim.

Ou a professora tinha que andar sempre em cima: agora vais pôr isto aqui, isto ali?

Todos - Não.

Carlos – A Stora disse a primeira vez e depois na aula seguinte, depois já sabíamos. Tipo, eram três que iam levar uma mesa, o outro saía que era para ir ajudar o outro… já sabíamos que tínhamos que meter mesas em cima de outras e depois as cadeiras.

Então, vocês já se sabiam organizar?

Carlos – Sim.

Eram autónomos nessa organização? (todos acenaram a cabeça afirmativamente) **E a responsabilidade? Vocês sentem que a turma era responsável nesses momentos, também?**

(todos acenaram a cabeça afirmativamente) **Etiandro** – na aula de música eram todos responsáveis, nas outras aulas não.

Ana – Não tínhamos muita atenção.

Por isso é que foram ficando uns pelo caminho, não é? (Mas este ano vai correr bem)

Todos - (acenaram afirmativamente com a cabeça)

E em relação a vocês. A vossa auto-estima? Vocês sentiam-se bem com aquilo que faziam?

Todos – Sim.

Tanto no que diz respeito à organização como à Execução instrumental? Sentiam ser capazes de organizar e executar instrumentalmente?

Todos – Sim.

Ou houve alguns momentos em que pensaram: Eu não vou conseguir?

Etiandro – Ao início.

Carlos – No início, pensávamos que ia ser muito difícil. Mas depois a Stora dividiu, como é que os outros iam tocar e depois conseguimos, já sabíamos tudo de cor.

Então a vossa auto-estima subiu? Pensaram: Sou mesmo capaz! Sou um campeão!

Carlos – Às vezes uns já pensavam que tocavam melhor que o outro e faziam competição, mas não era tocar muito alto, era tocar coiso… na média, como os outros colegas tocavam.

Muito bem! Pronto falemos na organização dentro da sala de aula e fora da sala de aula. Vocês acham que era melhor se fosse eu a organizar o palco ou achavam que a organização devia ser feita por vocês?

Ana – Não.

Não o quê?

Ana – Não devia ser a professora a organizar as coisas.

Então não se sentiam injustiçados por terem que ir para cima do palco organizar a vossa apresentação. (acenaram negativamente com a cabeça).

Etiandro – Não.

Sentiam-se capazes de fazer?

Todos – Sim

De alguma forma, tiveram algum medo de não conseguirem dispor o palco, da forma que era suposto?

Carlos – Sim. Tínhamos duas peças para tocar, coiso… uns sabiam qual era o seu, havia outros que já tinham esquecido, tínhamos que estar a revisar, lembrar os outros colegas.

Vocês cooperavam, interagiam entre vocês, é isso?

Todos – Sim.

Pois, porque essas partes… vocês estão-me a dizer agora. Vocês arranjavam uma maneira muito "soft" de fazer as coisas, porque eu sinceramente não percebi muitas vezes essa dificuldade. Eu sei que quando estava ali em frente a vocês, eu pedia para tocar e as coisas estavam, não é! Essa outra parte eu não sei, daí estarmos aqui a conversar. Havia uma interacção entre vocês, é isso que me estão a dizer, e quando uns tinham mais dificuldade os outros ajudavam?

Todos - Sim (acenaram afirmativamente a cabeça.

Carlos – O outro dizia como fazer.

Ok, no fundo havia uma grande solidariedade entre vocês?

Todos – Sim.

Sentiam isso? (Acenaram afirmativamente as cabeças) **E tolerância? Houve momentos em que foram menos tolerantes com alguns colegas?**

Carlos – No início sim. Dizíamos que os outros não sabiam tocar, que iam estragar a peça.

Ana – Criticávamos os outros.

Criticavam os outros, está a Ana a dizer. E como é que eram essas criticas?

Carlos – A dizer que quando formos tocar que no coiso, que lá no Bonfim e na Bela Vista que ia sair tudo mal, por causa do colega, que não estava a prestar atenção, só cria brincar, brincar.

Então e em relação a isso, vocês acham que tinham que estar atentos aquilo que os outros faziam em termos auditivos, estar atentos a ouvir? A ouvir os outros. Quando uma peça estava a decorrer, vocês preocupavam-se só em tocar a vossa parte bem ou tinham a preocupação em ouvir os outros?

Carlos – Eu fazia as duas coisas, tocava a minha parte, quando não era a minha parte, ficava a ouvir a dos outros colegas, que era para saber quando é que era a minha vez de entrar.

E tu Etiandro? Fazias o mesmo?

Etiandro – Sim.

Estavas sempre com a preocupação de ouvir os outros também?

Etiandro – Sim.

Porquê? Porque é que achavas isso importante?

Etiandro – Para saber entrar. Que é para não entrar à toa e mal.

E tu Ana?

Ana – A mesma coisa que o Etiandro.

No fundo vocês tinham que estar concentrados, com muita atenção? É isso que me estão a dizer?

Todos – Sim.

Não só à vossa prestação, como à prestação dos outros colegas?

Todos – Sim.

E onde é que a professora entrava aqui no meio disto tudo? Quer dizer, ligavam uns aos outros e eu? Ligavam-me alguma coisa, em algum momento?

Carlos – A Stora ligava os colegas, que era para quando acabasse a parte dos outros, que era para nós entrarmos, que é também para começarmos a tocar todos juntos.

Então qual era o meu papel no meio disto tudo?

Ana – Era para dar o início

Carlos – Era o maestro

Era o maestro? E se fosse uma maestrina, não podia ser?

Carlos – Também.

Ah, é mais, não é? (risos) **Já fazia parte do vosso vocabulário o ano passado, oh Carlos…** (risos). **Ok.**

Então digam-me lá, leva-me a crer que vocês quando vinham para a aula de Educação Musical, vinham mais motivados. Mas de alguma forma esta actividade vos motivou para virem para o espaço escola?

Etiandro – Sim.

Não vos apetecia ficarem lá fora a brincar e virem só à aula de Educação Musical?

Carlos – Queríamos só aprender percussão, coisas novas, não nos interessava mais nada a não ser a aula de música.

Pois… Quando vocês estão a tocar para os outros o que é que sentem?

Carlos – No início sentimos medo, que podemos tocar mal, mas depois quando já estamos a acabar, já coiso… já ficamos mais motivados, até queremos tocar cada vez mais, mais, mais.

Porquê? Porque isso vos dá de alguma forma o quê?

Carlos – Ficamos alegres, queremos tocar, queremos fazer novos sons, tudo.

E tu Etiandro? Quando estás a tocar para os outros o que é que sentes?

Etiandro - Fico a pensar se vou tocar mal e depois quando toco bem, só me apetece é ficar a tocar mais tempo.

Então no fundo é medo e satisfação, prazer?

Etiandro – Sim.

E tu Ana? (a Ana ri-se) **Quando tocas para os outros, o que é que sentes?**

Ana – Nervosismo.

E depois? Vai passando o nervosismo ou fica lá sempre?

Ana – Vai passando.

Então vais sentido uma autoconfiança, a tua auto-estima está lá em cima – vou ser capaz - é isso?

Ana – Às vezes.

E o que é que vocês, que as vossas apresentações transmitiram ao público? Qual é o impacto, que vocês acham, que as vossas apresentações tiveram no público?

Carlos – Podia haver pessoas que podiam querer tentar também tocar, havia pessoas que podiam ir para casa e podia tentar ir fazer como nós.

E achas que isso aconteceu?

Carlos – Eu vi um moço a fazer isso.

No teu grupo de amigos, viste alguém que estava com vontade de fazer igual a vocês?

Carlos – Sim.

Etiandro – Já vi tantos.

Tantos? Na altura em que nós fazíamos apresentações públicas?

Etiandro – Sim.

O que é que acontecia? Diz lá.

Etiandro – Viam um balde, agarravam, começavam a tocar, agarravam ferros começavam a bater… ficavam a fazer música.

Ou seja, vocês sentem que a vossa actividade influenciou colegas para a música, é isso que me estão a dizer?

Todos - Sim.

Então e agora para acabar, eu só vou perguntar se têm vontade de continuar o trabalho musical?

Etiandro - Eu tenho.

Ana - Eu também tenho.

Carlos - Eu também.

E então? Como é que vamos fazer Etiandro? Para continuara o trabalho musical?

Etiandro – Montar um grupo de percussão.

Mas, no teu grupo de amigos? Fora da escola? É isso que me estás a dizer?

Etiandro – Não, aqui na escola.

E como é que isso é possível? Achas possível? Continuas a ter música este ano?

Etiandro – Sim. (risos)

E com quem?

Etiandro – Com a minha professora do ano passado. (risos)

Pois é. E achas que ela vos vai dar oportunidade de o fazerem, de voltar a montar um grupo de percussão?

Etiandro – sim.

Achas? Tens a certeza ou achas?

Etiandro – Tenho a certeza.

Porquê? Já começaram a fazer esse trabalho de alguma forma?

Etiandro – Já. (risos)

E então o que é que sentes agora ao tocar com outro grupo? Que não aquele grupo que já estava trabalhado o ano passado?

Etiandro – Sinto que eles ainda estão a aprender e que quando aprenderem o grupo pode ser ainda, se calhar, melhor do que o do ano passado.

Porque é que dizes isso, melhor do que o do ano passado?

Etiandro – Porque a gente, o ano passado, tocávamos bem…

Carlos – Começámos tarde.

O Carlos está a dizer que começámos tarde, é isso? E agora estão a começar mais cedo. É isso Etiandro?

Etiandro – Sim.

Carlos – Nós o ano passado, começámos no terceiro período.

Mas isso teve uma razão, não foi?

Carlos – Sim, porque ainda não sabíamos o que queríamos fazer, mas depois decidimos e começamos a fazer.

Isso teve a ver com a Área de Projecto, levava-nos para ai, não é? Porque aquele projecto começou por uma…

Carlos – Para fazer uma Festa.

Uma festa da turma, não é? No entanto teve aquela dimensão que nós não esperávamos.

Etiandro, então esperasse que este ano se faça um trabalho de percussão com um grupo diferente. E olha lá, diz-me lá uma coisa, tu sentes-te de alguma forma, ligeiramente superior aos outros não é? Sinto essa postura no teu desempenho.

Etiandro – Sim porque já faço isso há mais tempo do que eles e às vezes tento ensinar eles.

Pois, porque eu já senti isso em aula, por isso é que estou a fazer esta observação. E não senti só isso, da parte das aprendizagens musicais, do facto de tu quereres ensinar aquilo que já sabes, mas também na organização. Tu já reparaste que ali tens sido o meu "braço direito", não é? Nesta nova turma.

Etiandro – Sim.

E o que é que tu sentes em ser o meu "braço direito"?

Etiandro – Sinto muita responsabilidade.

Muito bem, e é o que se quer… Oh Ana, tu apesar de estares a repetir o sexto ano, não és minha aluna este ano.

Ana – Não.

Achas que, de alguma forma, o trabalho musical… Estás com vontade de desenvolver o trabalho musical?

Ana – Estou.

Sim, a que nível? Gostas das tuas aulas de Educação Musical?

Ana – Gosto, fazem-me lembrar as do ano passado.

Já começaram a tocar percussão também?

Ana – Não.

Então o que é que tens feito, que te faz lembrar o ano passado?

Ana – Tocar flauta.

Gostavas de alguma forma que também fosse introduzida essa vertente - percussão dentro da sala de aula?

Ana – Gostava.

Então que tal falar com o professor, se calhar seria uma boa politica.

Carlos, sei que estás no sétimo ano, a Educação Musical, já não tens este ano. Como é que tu pensas continuar o trabalho musical.

Carlos – Penso arranjar maneira que é para ir à percussão, porque o ano passado gostei muito de trabalhar. Tenho pena de não ter aula de música, gostei muito e por mim até agora ainda tinha aula de música.

Muito bem meus amigos, muito obrigada.